

Kasakas & cardeais: três estórias de Angola

Cibele Verrangia Correa da Silva

Mestranda em Letras - Unesp/Assis

E-mail: cverrangia@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo procura realizar uma análise literária da obra *Kasakas & Cardeais* (2002) de Jacques dos Santos, observando os aspectos estruturais da narrativa, bem como, o estudo de um dos temas que se coloca como essencial na moderna literatura angolana: a presença da violência. O presente estudo faz uma análise de cada um dos contos presentes na obra, ou seja, “O Coronel do Prédio do Cão”, “Kasakas & Cardeais” e “A Praga de Ngana Zuá Diá Kimuezu”, visualizando a presença da violência nas principais temáticas abordadas em cada um dos contos e estabelecendo o diálogo entre as três estórias. O tema da violência é uma constante nas obras literárias angolanas contemporâneas, sendo um reflexo da realidade vivenciada pela população em Angola. Assim, percebemos como a literatura se coloca como arma de defesa e de denúncia da nação, colaborando para a construção de uma identidade genuinamente nacional.

PALAVRAS-CHAVE: violência, identidade, Angola.

ABSTRACT: The present article aims to make literary analysis of *Kasakas & Cardeais* (2002), both books from Jacques dos Santos, observing the structure aspects of the narrative, as well as the study of one essential theme in the Angolan Modern literature: the violence. This study makes an analysis of each tale presented in the book, which are “O Coronel do Prédio do Cão”, “Kasakas & Cardeais” and “A praga de Ngana Zuá Diá Kimuezu”, visualizing the presence of violence in the main thematic in each tale and establishing the dialogue between the three stories. The violence theme is constant in the Angolan literary contemporary primes as being an Angolans population reality reflex. Therefore, we notice how literature appears as a defense weapon and nation disclosure, collaborating for the construction of an identity genuinely national.

KEYWORDS: violence, identity, Angola.

Introdução

O livro de contos intitulado *Kasakas & Cardeais, três estórias* (2002), congrega três narrativas aparentemente distintas: inicialmente, as estórias aparecem independentes umas das outras, ou seja, suas temáticas são bastante diversas; uma análise mais apurada da obra, entretanto, permite encontrar muitas similaridades e até complementações entre os textos.

A análise da obra necessariamente deve passar pela interdisciplinaridade, na medida em que o próprio texto realiza intertexto com outras ciências e disciplinas. Veja-se, por exemplo, a citação de Freud que serve de pórtico ao livro e que remete à Psicanálise: “*Um dia, quando olhares para trás, verás que os dias mais belos foram aqueles em que lutaste*”. Esta frase é extremamente significativa para o nosso estudo, pois nos remete novamente à importância que a sociedade exerce na literatura angolana e também à própria temática estudada por nós, ou seja, a presença da violência.

“O Coronel do Prédio do Cão” narra a estória da misteriosa morte do Coronel Diogo Kimbango, oficial do exército na reserva, ex-director geral da falida Vitalidade U.E.E., e proprietário do Prédio do Cão.

Numa manhã de sábado, os moradores do prédio são despertados por um enorme corpo gordo que despenca misteriosamente da janela do sétimo andar sobre o Volkswagen branco de Zeca Fernandes, agitando e modificando a rotina de fim de semana de todos os moradores. Este é o primeiro a se deparar com o acontecido, sendo a personagem que nos vai apresentando as outras que compõem a narrativa.

Toda a narração acontece nas imediações do Prédio do Cão, que possui dez andares, e sua denominação se torna bastante importante para entendermos as particularidades desta estória. Inicialmente, o prédio chamava-se Fidelíssima e o símbolo é a figura de um cachorro, mas com o passar do tempo e a falta de manutenção, o letreiro perdeu suas últimas seis letras e tornou-se “Fidel”. Porém, os moradores insistem em chamá-lo de “Prédio do Cão”. Inicialmente referindo-se à figura que o decadente letreiro ostenta, o nome remete também – e principalmente – talvez pelo significado simbólico a lugar amaldiçoado, difícil de viver, habitação do demônio. A palavra Fidel, que

é o nome escrito no letreiro do prédio, pode nos remeter ao dirigente cubano Fidel Castro, como simbolização do sonho do socialismo.

Nesse sentido, se tomamos uma leitura alegórica do edifício, poderíamos ver aqui uma figuração não apenas da cidade em que ele se encontra, mas também do próprio país, na medida em que aí o encontramos, com suas irregularidades, desigualdades, podridão, anseios, pobreza e miséria que assolam a sociedade luandense e impedem de várias formas o desenvolvimento desta.

“O Coronel do Prédio do Cão” é uma narrativa curta com um enredo central, ou seja, a morte do Coronel, mas que fica em segundo plano em face das várias apresentações das histórias particulares das personagens e principalmente nas várias intromissões dos narradores.

A morte do Coronel é um mistério a ser desvendado que é carregado até o fim da história e que não possui conclusão. Por este motivo, a todo momento alguém pode ser o culpado, ao mesmo tempo em que não temos a certeza do assassinato. Ora o narrador nos leva à idéia do crime, ora nos leva à possibilidade de suicídio.

Durante toda a narrativa, porém, fica evidente que o menos importante é a temática central, mas sim as temáticas secundárias, que apresentam uma visão cômica e satírica da sociedade contemporânea de Luanda. Neste sentido, pode-se dizer que a riqueza da história está na crítica social realizada de uma forma alegórica, na apresentação de uma sociedade decadente, nos ideais de reconstrução, no conhecimento de fatos históricos frequentemente citados e na própria concepção nacionalista do autor.

Inicialmente é difícil enxergarmos a conotação política e crítica que o referido conto apresenta, porém, fazendo-se uma análise minuciosa de todos os elementos abordados no texto, percebemos a enorme carga ideológica e de denúncia que este pode representar e simbolizar, fazendo da arte, mais uma vez, instrumento de denúncia e de defesa dos ideais políticos e sociais, o que fica claramente evidenciado na última frase do conto, ou seja, “*Este é mesmo um prédio do cão!*” (p. 62), que poderia ser substituída por “Este é mesmo um país do cão” ou “Esta é mesmo uma cidade do cão”, demonstrando assim, o enorme caráter crítico do autor.

“Kasakas & Cardeais”, segunda narrativa do volume, dá título ao livro e, por sua posição medial na obra, ganha uma maior importância. É uma espécie de fábula que narra a “*vida frustrada de Tyl*”, um pássaro da comunidade de Bansaka, que nasceu com a digna missão de se tornar Cardeal, de ascender na hierarquia política destes pássaros e tornar-se um representante político e superior do seu povo.

A estória se passa no espaço intermediário entre a terra e o céu, ou seja, na altura das árvores, na vivenda dos pássaros, no espaço máximo de vôo que um pássaro pode atingir.

Esta idéia de espaço nos remete a um plano superior, a algo além das potencialidades humanas e também a um lugar extremamente almejado, já que vivemos constantemente envolvidos com a idéia de voar. O narrador, para indicar a superioridade dos pássaros, menciona sempre esta característica não humana: a capacidade de voar. A idéia de voar é colocada como algo divino, especial e também como sinônimo de liberdade, de busca de um novo mundo, sendo este, superior.

Os elementos da natureza também perpassam a narrativa como representantes dos sentimentos das personagens, ou seja, a chuva está relacionada a uma perspectiva de mudança, de transformação; o sol é a renovação da vida; a noite representa o perigo, a escuridão, o momento em que coisas sobrenaturais acontecem.

A estória se passa num mundo distante dos homens, porém com muitas características semelhantes. O conto começa com a narração da formação de Bansaka, país de origem dos nossos personagens principais, ou seja, Tyl e Lim. Esta terra foi por muito tempo dominada por estrangeiros, que tinham objetivos de exploração das riquezas locais. A conquista da independência foi atingida através de muita luta, sendo necessária a união de várias espécies distintas de pássaros por um objetivo comum: a liberdade.

Durante um longo período de dominação, as várias espécies de pássaros diferentes que conviviam nesta terra formaram novas outras espécies; hoje, Bansaka é um país livre, que está em reconstrução e vive envolvido com os ideais políticos relacionados à globalização.

Podemos analisar este conto a partir de uma perspectiva metafórica da própria formação de Angola, desde o período da colonização até os dias atuais.

Quando a narração cita este período de dominação nesta terra fictícia, provavelmente remete-nos à fase de colonização portuguesa nos países africanos. Todos sabem do caráter exploratório desta colonização, o que fica bem evidente no conto: “... para desgraça de Bansaka, o bocado de inteligência dos invasores apoiado na ajuda de outros de mais longínquos céus, foi suficiente para dominarem durante épocas e épocas todo o seu povo...” (p. 68).

A conquista da independência na cidade de Bansaka também é citada com bastante associação à real história de Angola, inclusive quando menciona a união de várias etnias por um ideal comum: a libertação: “... foram necessários muitos anos a passar até se registrar o amplo movimento de indignação...” (p. 68); “... Reza a história que essa célebre jornada foi bonita de se ver porque sem se distinguirem pela cor da plumagem de cada um..., tinham todos os pássaros kasaka um objetivo comum... Somos donos do nosso próprio destino...” (p. 68).

Durante toda a narração percebemos diversos acontecimentos diretamente relacionados à realidade que assola os países subdesenvolvidos, ou seja, a desonestidade política, a transformação de caráter que o poder público pode proporcionar, a desigualdade social que a globalização continua por manter. Assim, o conto pode ser uma fábula representando a situação cruel que aflige os países subdesenvolvidos, fazendo uma crítica às práticas de corrupção, às relações de poder, aos privilégios e aos cargos políticos.

A personagem principal que aparece como visionário de toda esta podridão que é a política pública renega seu cargo de privilégios, seu poder, e abandona a política, pois sabe que dificilmente algo vai melhorar ou evoluir efetivamente.

Apenas no final do conto, quando está no momento de sua morte, a personagem crê num mundo melhor. A morte surge como renovação da esperança perdida durante a vida. A própria idéia da chuva caindo numa manhã de novembro, nos leva novamente a associar esta estória à história real de Angola, pois novembro é o mês em que se comemora a independência de Angola e marca a crença nos princípios que norteiam a formação da nação.

Esta chuva traz a limpeza, a renovação, a crença em mundo mais justo a própria esperança na mudança e na perspectiva de um país ideal: “ A visão é de um azul

cintilante, vindo naturalmente da abençoada manhã de Novembro que começou chuvosa. Os seus olhares estão marcados por brilho indefinido no qual, mais do que confiança na vida, está impregnada a certeza de que os maus dias de hoje darão lugar a outros de paz, amor e esperança” (p. 89).

“A Praga de Ngana Zuá diá Kimuezu ou Senhor João das Barbas”, é o último conto do livro e a narração é composta por uma lenda sobre como a personagem que dá nome ao conto morreu por três vezes.

O conto é uma belíssima lenda sobre as relações entre o explorador branco, tido como o Demônio, e o nativo negro, tido como o Guerreiro Libertador.

A referida estória é contada por um velho bicentenário a um jovem trabalhador da construção civil. Através destas duas personagens, percebemos as relações de tempo envolvidas no conto, ou seja, o passado está presente no tempo atual e vice-versa.

Esta é uma narrativa fantástica, misteriosa e sobrenatural das três mortes da personagem Ngana Zuá diá Kimuezu. Nesta análise percebemos mais uma vez a metaforização dos fatos históricos relacionados aos países africanos. O Senhor João das Barbas é a representação do colonizador branco e suas mortes estão associadas às várias tentativas que ocorreram no decorrer da história de expulsão destes opressores.

Toda esta lendária estória remete-nos ao fato da colonização, à exploração cruel e opressora, às tentativas de libertação e principalmente à força e valorização da identidade nacional que os nativos sempre tiveram. O conto procura narrar a estória desta relação entre colonizador/colonizado de uma forma lendária, sobrenatural, como se fizesse parte de algo fora do mundo real, assim, mais uma vez, o autor nos leva a pensar sobre estas relações de poder de uma forma extremamente criativa.

Quando a narrativa cita o fruto nascido da relação entre o branco e a negra, facilmente nos leva a pensar no fato da mestiçagem e da formação desse novo homem, fruto dessa mistura, muitas vezes não muito feliz. Frequentemente, o conto chama o branco de malcheiroso, fazendo provavelmente uma menção aos costumes estranhos (falta de banho) do europeu colonizador e até mesmo ao seu péssimo caráter.

Em todo o conto percebemos o uso freqüente de várias palavras em uma das línguas locais (quimbundo), indicando uma imensa valorização da identidade nacional, representada pela linguagem, além dos vários ensinamentos dos antepassados: “ *Muito*

tempo é tempo de fazer ficar velho. Os anos não faz ficar velho as pessoas” (p. 104); “Diz quem sabe que ninguém está preocupado como os que olham e esperam sem dizer nada.” (p.123/124).

O final da narrativa vem impregnado de valorização à manutenção da liberdade e também, uma imensa esperança na construção de um novo país, sem a influência exploratória do branco colonizador: “*Da terra ressequida de antigamente começa a brotar folhas verdes de comida...*” (p. 132).

Assim, mais uma vez, a narrativa principal representa os anseios de uma sociedade que se vê em busca da tão almejada reconstrução de um país mais justo, livre e igualitário. O fim da guerra e a tão esperada paz gera nas pessoas uma ilusão de que a vida possa melhorar e, novamente, a esperança resplandece: “*Do pequeno rádio que tira do bolso, chega-lhe, em primeira mão, a notícia lida por locutor de voz forte e empolgada: ‘estão criadas as condições para a cessação total do conflito armado. A paz veio para ficar’*” (p. 133).

Estabelecendo o diálogo entre as três estórias

As três estórias possuem narrativas completamente diferentes. Suas estórias, personagens e narrativas são diversos, porém a análise apurada dos contos nos leva a

Em toda a análise realizada acima, notamos que os fatos políticos, históricos e sociais de Angola são retratados através de representações da realidade, assim as personagens e estórias são construídas ficcionalmente, mas é possível identificarmos similaridades que nos remete a realidade. O autor utilizou diversas estratégias estilísticas para abordar de forma criativa e inteligente a própria sociedade e o seu país. Todos os textos possuem um caráter de crítica social, de envolvimento com o sistema político, de ideais de renovação e reconstrução de um país mais justo e igual. Jacques dos Santos apresenta de várias formas o fato da colonização, das guerrilhas de libertação, da independência, do sistema político vigente, o mundo globalizado e o próprio neoliberalismo.

As estórias possuem desenvolvimentos e temáticas independentes, porém, podemos notar que, ainda que metafóricamente, todas elas nos levam a uma ideia

comum, o desejo de representar de formas variadas a sociedade angolana, como já mencionado acima e os desfechos das obras aparecem impregnados de ideologias que remete a esperanças e crença na força de um mundo igualitário e verdadeiramente livre.

Conforme nossa perspectiva, podemos afirmar que a presença da violência, mais uma vez, é uma constante nos textos da moderna literatura angolana. Durante as análises realizadas acima, percebemos que todas as histórias estão relacionadas à agressividade, seja ela, física ou moral. No primeiro conto da obra, a temática principal é a morte do Coronel; o segundo aborda a falta de escrúpulos dos vários políticos, que acaba gerando uma violência moral contra os civis; no último texto, também percebemos o tema da morte como desdobramento da violência.

Conclusão

Todos os textos apresentam histórias que abordam esta brutalidade física tão comum nos dias de hoje e apontam, novamente, para a banalização da mesma. Não há indignação aos atos de violência que aparecem nas histórias. As personagens têm esta agressividade como fato comum e cotidiano. Elas estão tão ocupadas com seus próprios problemas que a agressão alheia lhes parece fugaz.

Um outro tipo de violência que as três histórias apresentam é a política, a que promove as exclusões sociais, a que mantém o regime de desigualdades; esta aparece como principal dentro das histórias apresentadas, pois é a partir dela que atos de agressividade física acontecem cotidianamente. As pessoas se vêm sem o mínimo que lhes garanta uma sobrevivência digna, partindo para agir violentamente, acreditando assim estar procurando uma solução para os seus problemas. Também existe a agressividade da polícia que, para manter a ordem, não se furta a agir violentamente, impondo sua vontade particular e atuando segundo seus próprios desejos.

A estrutura política também age agressivamente contra os cidadãos quando não garante a assistência mínima para que se tenha uma vida decente e humana. Esta assistência está relacionada à manutenção dos se tores essenciais para que uma pessoa viva decentemente, ou seja, moradia, educação, assistência médica, emprego, saneamento básico, energia elétrica, água potável, alimentação saudável; quando falta tudo isto é impossível viver dignamente e, assim, as pessoas se tornam alienadas e

acostumadas a conviver com tanta violência, almejando um futuro melhor, talvez num mundo superior, divino.

Assim, podemos concluir que a escolha da temática, como fonte de análise, nos leva a refletir sobre todo o contexto histórico-social em que estão inseridos estes povos de passado colonial e também sobre o motivo pelo qual este tipo de literatura é tão importante para a manutenção da identidade cultural e nacional, no desenvolvimento de uma arte literária engajada e na força política que a literatura exerce sobre os pensamentos nacionais. A literatura torna-se, sob esse aspecto, uma arma de defesa e de denúncia contra a opressão e as dominações.

REFERÊNCIA:

SANTOS, Jacques Arlindo dos. *Kasakas & Cardeais, três estórias*. Luanda: Chá de Caxinde, 2002.